
Por entre rastros e restos: a memória da Guerra Colonial na ficção de António Lobo Antunes

Leonardo von Pfeil Rommel¹

Resumo: A Guerra Colonial (1961-1974) inscreve-se na história de Portugal como uma memória traumática, uma vez que se trata de um período de tensão e ruptura da identidade coletiva da nação. Durante os treze anos de combates, o império português viveu uma relação extremamente conturbada e violenta com suas colônias ultramarinas no continente africano, sendo obrigado a combater os movimentos de independência a fim de evitar o desmembramento físico e identitário da nação. O presente ensaio analisa a representação da memória da Guerra Colonial no romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, publicado por António Lobo Antunes em 2017. A literatura portuguesa surgida a partir da experiência da guerra busca simbolizar, traduzir e transformar em linguagem, por meio do simbólico e das estratégias narrativas da arte, a dor, o trauma e o luto gerados pelo conflito armado que marcou toda uma geração de portugueses e africanos.

Palavras-chave: Guerra Colonial; Memória; Trauma; Testemunho; António Lobo Antunes.

Abstract: The Colonial War (1961-1974) is inscribed in the history of Portugal as a traumatic memory, since it is a period of tension and disruption of the nation's collective identity. During the thirteen years of fighting, the Portuguese empire experienced an extremely troubled and violent relationship with its overseas colonies on the African continent, being forced to fight the independence movements in order to avoid the physical and identity dismemberment of the nation. This essay analyzes the representation of the memory of the Colonial War in the novel *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, published by António Lobo Antunes in 2017. The Portuguese literature that emerged from the experience of war seeks to symbolize, translate and transform into language, through the symbolic and narrative strategies of art, the pain, trauma and mourning generated by the armed conflict that marked an entire generation of Portuguese and Africans.

Keywords: Colonial War; Memory; Trauma; Testimony; António Lobo Antunes.

¹ Doutorado na UFRGS. Professor de Língua Portuguesa no Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: lvpfeil@hotmail.com

A Guerra Colonial (1961-1974) inscreve-se na história de Portugal como uma memória traumática, uma vez que se trata de um período de tensão e ruptura da identidade coletiva da nação. Durante os treze anos de combates, o império português viveu uma relação extremamente conturbada e violenta com suas colônias ultramarinas no continente africano, sendo obrigado a combater os movimentos de independência a fim de evitar o desmembramento físico e identitário da nação.

Nos campos de batalha na África lutava-se então, por “(...) algo de mais complexo do que a defesa do espaço colonial: como declamava a retórica do regime salazarista, em jogo, estavam cinco séculos da História de Portugal, cinco séculos de colonização (...)” (VECCHI, 2010, p. 96). A guerra, desta forma, tensiona profundamente a pseudomemória imperial criada pelo salazarismo durante as quase cinco décadas em que controlou autoritariamente Portugal. É a partir da Guerra Colonial que todo o aparato ideológico do Estado Novo criado sobre a questão colonial começa a entrar em colapso

A Guerra Colonial desempenha, na história portuguesa, um tempo de exceção, pois representa, “pelo adensamento simbólico e histórico que nela se acumula (...), o fim de um mundo que tinha chegado ao ocaso, mas também o começo de outro que se encontra ainda em definição”. (VECCHI, 2010, p. 187). A guerra, ainda de acordo com o pensamento de Vecchi (2010, p. 20), “mina a ontologia nacional e desmancha o mecanismo de exceção sobre o qual se regeu” a secular noção de império, que sempre fez parte das raízes profundas da identidade coletiva nacional.

A dissolução do império a partir da Revolução dos Cravos, em 1974, transforma a memória da Guerra Colonial em uma memória traumática, uma vez que assinala um processo de reorganização e de reconstrução da existência portuguesa, marcada por quase cinco séculos de uma ideologia imperialista e colonial. O fim do tempo imperial traz, assim, consequências profundas para a identidade coletiva da nação, uma vez que o país é obrigado a repensar sua existência, agora apartado de suas posses coloniais, que lhe garantiam uma espécie de refúgio perante uma realidade política, social e econômica atrasada.

O período pós-revolucionário é marcado em Portugal por uma espécie de apagamento do passado ligado ao colonialismo e ao fascismo de Salazar. O novo governo, instaurado após o 25 de Abril, promove a descolonização dos territórios ultramarinos na África e busca afastar-se de todos os discursos e símbolos ligados à opressão salazarista. Desta forma, a questão da Guerra Colonial passa a ser silenciada no espaço de memória da nação portuguesa.

Margarida Calafate Ribeiro (2004, p. 248) comenta que “a ocultação da guerra no pós-25 de Abril não era um artifício de vontade autoritária, mas antes uma incapacidade (...) para lidar com tão dolorosa e explosiva herança”. No Portugal pós-revolução, falar da Guerra Colonial seria reviver o passado traumático que marcou profundamente a vida de milhares de famílias e de ex-combatentes. Falar da guerra, seria também aludir aos tempos de opressão imposta pelo Estado Novo de Salazar por mais de quatro décadas ao povo português.

Conforme ainda o pensamento de Margarida Calafate Ribeiro (1998, p. 138), o silêncio sobre a Guerra Colonial que passa a vigorar no país “trata-se, de facto, (...) de uma manifestação contra o que parecia ser à data a solução encontrada por esquerdas e direitas

para a construção de um novo Portugal”, resumindo-se, desta forma, “numa ambígua, mas natural, tentação de fazer calar toda a sociedade vitimizada e de assim aliviar o peso de um regime fascista e de uma guerra colonial prolongada” (RIBEIRO, 1998, p. 138).

Tendo-se em vista toda a atmosfera de silêncio que recobria a questão da Guerra Colonial junto à memória coletiva da nação, é a partir da literatura que surgem discursos responsáveis por problematizar e reescrever a história contemporânea de Portugal, traumatizada pela guerra e pelo salazarismo. São os testemunhos, poesias e romances de muitos ex-combatentes como Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, João de Melo e António Lobo Antunes que trazem para o espaço público a representação da guerra e seus efeitos junto à existência individual e coletiva do país.

Conforme Roberto Vecchi (2010, p. 81), “a memória declinada em formas narrativa ou lírica por esta *lost generation* (...) reabriu, seguindo o fio das recordações pessoais e coletivas, a leitura histórica daqueles tempos, traumáticos e tenebrosos”. Através da escrita ficcional, a geração de escritores que tematiza em suas obras a questão do trauma histórico da guerra almeja salvar do esquecimento o conturbado passado recente nacional. A literatura, “contribui então para expor e vocalizar traumas que doutro modo ficariam invisíveis ou silenciados” (VECCHI, 2010, p. 53).

A literatura que tematiza a experiência histórica da Guerra Colonial busca assim, por meio de um caráter testemunhal, “preencher a lacuna e o silêncio imposto pela história oficial, pela contraposição do testemunho” (RIBEIRO, 1998, p. 139), da experiência e da memória individual. A literatura da guerra colonial constitui-se, assim, em “um sistema mais complexo de revisão do ser português” (RIBEIRO, 1998, p. 137), pois problematiza a identidade nacional, ao abordar os conturbados capítulos finais do império colonial português.

(...) nesta literatura se regressa a África para pela memória refazer o percurso de construção de uma nova identidade pessoal, que o 25 de Abril transformou em coletiva, para preencher as lacunas da história oficial que durante décadas nos dominou, para exorcizar fantasmas, para reescrever a história. Era o regresso da guerra, com os diários, as cartas, os poemas, com aquilo que sobrevive à catástrofe – o testemunho. (RIBEIRO, 1998, p. 133).

Ao defender o papel da literatura como discurso de testemunho dos traumas históricos, Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 106), aponta a noção de que, “o trauma encontra na imaginação um meio para a sua narração. A imaginação é chamada para enfrentar o buraco negro do real do trauma”. A literatura portuguesa surgida a partir da experiência da guerra busca simbolizar, traduzir e transformar em linguagem, por meio do simbólico e das estratégias narrativas da arte, a dor, o trauma e o luto gerados pelo conflito armado que marcou toda uma geração de portugueses e africanos.

Dentro deste corpus literário que aborda a questão da Guerra Colonial, surgido principalmente no período posterior ao 25 de Abril, destaca-se a produção ficcional do escritor português António Lobo Antunes. Médico psiquiatra por formação, Lobo Antunes esteve presente na guerra no norte de Angola entre os anos de 1971 e 1973, onde desempenhou a função de médico do exército português. A experiência enquanto combatente assume papel

fulcral em toda a sua carreira literária, tendo a questão da guerra espreado-se por praticamente todos os seus romances.

É com a *Trilogia da aprendizagem*, formada pelos romances *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do inferno* (1981), narrativas que exploram fortemente a vertente testemunhal, que Lobo Antunes estreia no cenário literário português. As narrativas, por meio da exploração da experiência autobiográfica, abordam a opressiva e violenta rotina do campo de batalha em Angola e representam, através da figura do protagonista, todos os traumas e dificuldades de readaptação familiar e social que permeiam a vida dos ex-combatentes portugueses.

Em *Fado Alexandrino* (1983), quase dez anos após a Revolução dos Cravos e o final da Guerra Colonial, Lobo Antunes retoma a representação da guerra, centrando-se ainda na posição marginalizada que os ex-combatentes ocupam no Portugal pós-colonial. A narrativa, por meio da polifonia, recompõe vozes que narram os acontecimentos da guerra e apontam a forma como os traumas impactam/impactaram variadas parcelas e espaços da sociedade portuguesa.

A figura do ex-combatente assume papel central nesta discussão a respeito do silenciamento sobre a guerra, uma vez que, “a geração que fez a guerra, é (...) vista pela sociedade portuguesa já democratizada como culpada pelas formas mais duras de Portugal ter exercido o colonialismo, sendo muitas vezes associada ao próprio regime” (CARDOSO, 2011, p. 221). Ainda conforme Cardoso (2011, p. 221), “a exclusão dessa geração do novo tempo vigente coloca-a num tempo à margem”, uma espécie de entre-lugar da história portuguesa.

Ao recuperar o ex-combatente em seus romances, Lobo Antunes apresenta “o espelho de uma sociedade incapaz de se olhar para si mesma” (CARDOSO, 2011, p. 222), atuando a literatura, desta forma, como discurso de questionamento, correção e atualização da história de Portugal. A literatura busca, desta forma, enfrentar o silenciamento sobre a guerra, dando voz a personagens marginalizados e apagados da memória coletiva da nação.

O presente ensaio analisa a representação da memória da Guerra Colonial no romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, publicado por António Lobo Antunes em 2017. No romance, a questão da guerra volta a assumir posição central e a figura do ex-combatente desempenha o papel de protagonista. Trata-se de uma retomada da problemática da Guerra Colonial na ficção antuniana após a *Trilogia da aprendizagem* e *Fado Alexandrino*, lançados no final da década de 1970 e começo da década de 1980.

O protagonismo da narrativa é dividido entre o ex-combatente, português, e o seu filho adotivo, o *filho preto*, africano trazido de Angola ainda criança pelo soldado português, após o batalhão em que estava destacado promover um massacre de civis em uma aldeia do norte de Angola. A trama desenvolve-se no Portugal contemporâneo, quarenta e três anos após a guerra e a narrativa explora, por meio da ambígua e conturbada relação entre pai e filho, toda a questão que envolve a relação de dominação e violência que marcou profundamente as interações de Portugal e suas ex-colônias, tanto no período colonial, quanto pós-colonial.

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, a Guerra Colonial emerge como uma memória traumática, um passado fantasmático que assombra o ex-combatente e toda a sua família. Os acontecimentos da guerra, no norte de Angola, irrompem no presente por

meio de pesadelos e *flashbacks*, perturbando a ordem da vida. Para o ex-combatente e para o filho preto, é como se a guerra, com seus cheiros, sons e personagens não houvesse acabado, mesmo passados tantos anos desde o regresso.

E esta noite, conforme tantas vezes desde há quarenta e três anos, tornei a sonhar com África, não ataques que começavam sempre pela metralhadora a que os soldados chamavam costureirinha a cantar junto à pista (...), nem emboscadas, nem minas, apenas eu sozinho junto ao arame farpado a pensar em Lisboa (...), nisto eu acordado

- Onde estou? (ANTUNES, 2017, p. 13).

O trauma invade assim o presente, pulverizando a temporalidade da narrativa. De acordo com Roberto Vecchi (2010, p. 65), “a experiência desagregada e negativa da guerra, (...) aprofunda e radicaliza a acção de desmembramento e dissolução das ordens espaço-temporais”, afetando bruscamente a identidade do ex-combatente. No romance antuniano, presente e passado coadunam-se na consciência e nos discursos do ex-combatente, criando assim uma “realidade fragmentada (...), provocando então uma perda irremediável da identidade” (VECCHI, 2010, p. 66).

Conforme Norberto do Vale Cardoso (2011, p. 212), no romance antuniano esta “des-temporalização do presente traduz a presentificação do passado (...). Aí, o herói é feito em pedaços, questionando-se sobre sua identidade”. Após o regresso da guerra, o ex-combatente sente-se transformado, incapaz de readaptar-se ao Portugal que havia deixado atrás de si quando partiu para Angola. O ex-combatente vive, portanto, em um eterno entre-lugar, suspenso entre o presente e um passado sem fim. A desilusão assume o tom de sua vida, uma vez que, “(...) afinal voltar da guerra é isto, afinal acabaram-se os mortos, é só isto (...)” (ANTUNES, 2017, p. 319).

Ao analisar a representação do tempo e do espaço na poética de António Lobo Antunes, Eunice Cabral (2009, p. 275) argumenta que, nos romances do autor, “o presente é um tempo de alheamento, inabitável, por vezes fantasmalizado”, sendo o passado “aquele tempo que irrompe inopinadamente no presente da enunciação, estilhaçando a identidade, e dissipando o espaço” (CABRAL, 2009, p. 275). A escrita de Lobo Antunes, trata-se, desta forma, de uma constante atualização e presentificação do passado no presente. As narrativas de Lobo Antunes são assim marcadas por um passado que não se esvazia, mas que pelo contrário, espria-se constantemente para a memória e consciência dos personagens.

Margarida Calafate Ribeiro (1998, p. 148) apresenta a noção de que a literatura que tematiza a guerra colonial “narra de diversas formas o processo de dilaceração e de transformação do ser individual e colectivo (...)”, uma vez que a “crise do conflito é sobretudo uma crise de identidade, de auto-reconhecimento do ser pessoal e do ser português” (RIBEIRO, 1998, p. 148). A guerra colonial exerce uma ruptura na identidade do combatente, que traduz-se em metáfora da ruptura da própria identidade nacional portuguesa, uma vez que a guerra tensiona a imagem do império uno e indivisível, como defendia a retórica do salazarismo.

De acordo com Cardoso (2011, p. 195), “uma das questões mais proeminentes a propósito da tematização da guerra na obra de Lobo Antunes baseia-se no modo como a linguagem procura representar o babélico”. A ficção antuniana traduz e representa a experiência traumática da guerra por meio de um processo de desmembramento do tempo e da própria narrativa. Só é possível representar o absurdo da guerra através de uma narrativa que absorva este caos, uma narrativa híbrida que tenta, embora parcialmente, ler os rastros e recolher os restos que povoam a memória do ex-combatente.

O romance é marcado por uma intensa polifonia, formando um caleidoscópio de vozes que narram a forma como o trauma da guerra marcou toda a história de uma família. Dentre estas vozes, surge a voz da opressão estatal do Estado Novo, presente no discurso militar que marcou o embarque do protagonista para Angola: “- Sinto nos vossos semblantes a alegria de irem servir a Pátria” (ANTUNES, 2017, p. 94). A voz do estado marca para sempre a memória do ex-combatente, uma vez que o embarque e a participação na guerra resultam em uma violenta experiência de desintegração da identidade.

É a partir da voz do ex-combatente, protagonista do romance, que Lobo Antunes explora a questão do silenciamento sobre a guerra, tanto durante o Estado Novo, como no Portugal contemporâneo do século XXI. Ao relembrar sua estadia em Angola, o ex-combatente reflete sobre a censura do salazarismo e sua tentativa frenética de silenciar a guerra, uma vez que “(...) ninguém sabe de nós em Portugal, ninguém fala da guerra, finge-se que se esquece ou esquece-se mesmo” (ANTUNES, 2017, p. 283).

O discurso do ex-combatente ressalta a impossibilidade de comunicar a experiência traumática da Guerra Colonial. Sentado na quinta da família, situada em uma aldeia do interior de Portugal, quarenta anos após a guerra, ele relembra o porquê de não responder as cartas enviadas pelos pais, uma vez que era impossível representar a solidão, a violência e o medo da morte. Ao visitar a casa da família e ao encontrar as cartas que enviara durante a estadia em Angola, todo um universo de recordações invade o presente da narrativa; o tempo da guerra absorve o presente.

pai mãe eu, pai mãe eu, pai, mãe eu, não vos escrevi muito de Angola, desculpem, não era possível dizer e depois a minha caligrafia, a minha preguiça, a minha falta de tempo, estou a mentir, tive montes de horas quando não saía para a mata (...), sobretudo nada de choradeiras, por favor, vim macho da guerra que, aliás, contra o que alguns juravam, não era assim tão perigosa, mais férias que outra coisa, uma viagem de barco e depois um safari, bichos etc, quase um passeio, um descanso, um morto apenas num acidente de camioneta que acidentes há por toda a parte e foi assim, um magala que se aleijava de tempos a tempos mas sem grandes problemas, uns quantos pretos postos na ordem e ponto final (...)

(como escrever acerca disto numa carta aos meus pais?)

(...) como se põe esta monstruosidade numa carta pai, mãe, o medo, os feridos, como se consegue explicar isto, digam-me, como se pode insistir nisto eu que devia calar-me (...). (ANTUNES, 2017, p. 27-29).

Falar sobre o passado da guerra só é possível através de signos, rastros e restos, uma vez que, ainda segundo o protagonista, passados tantos anos, sentado com um graveto na mão, “(...) principiei a escrever-lhes esta carta feita de riscos no chão” (ANTUNES, 2017, p. 31), onde memórias, traumas e silêncios se confundem constantemente. Lobo Antunes aponta desta forma para o fato de que só é possível representar a Guerra Colonial através do acúmulo de restos que ela deixou pelo caminho. Somente ao recuperar e traduzir os riscos no chão deixados pelo ex-combatente, podemos ter uma noção do caos da guerra e da opressão do salazarismo.

O ex-combatente, por diversas vezes relata, no plano da consciência, a que o leitor tem acesso, ser incapaz de abandonar o passado, apesar dos conselhos do psicólogo durante as sessões de terapia em grupo, que frequenta na companhia de outros veteranos de guerra. Conforme suas palavras, “(...) devia pensar menos eu, sobretudo como aconselha o psicólogo do hospital fechar a cabeça ao passado mas como se o passado nem sequer é passado, continua a acontecer, não mudou (...)” (ANTUNES, 2017, p. 61).

O psicólogo do hospital, rapaz nascido depois do fim da guerra, apresenta-se como metáfora do Portugal pós-colonial, uma vez que se mostra incapaz de compreender a experiência de seus pacientes, soldados marcados pelo trauma. O questionamento do psicólogo para seus pacientes: “-Têm a certeza que não exageram nos horrores vocês?” (ANTUNES, 2017, p. 174) evidencia a atmosfera de irrealidade, descrença e silenciamento que permeia a questão da Guerra Colonial e do fim do império.

Os combatentes que, durante a guerra, sentiam-se como “sombras, menos que sombras, pobres fantasmas imóveis (...)” (ANTUNES, 2017, p. 29) são os resíduos do império, o corpo espectral do Portugal salazarista que, ao regressarem de África, são obrigados a ficar em silêncio. É durante a terapia de grupo, anos após o regresso, que o ex-combatente evidencia ainda a conspiração de silêncios que dominava Portugal. A Guerra Colonial, passadas tantas décadas, era ainda algo intraduzível.

(...) às quartas feiras, juntamente com outras marionetes que não conhecia, antigos oficiais tão mortos quanto eu e o psicólogo a insistir que falemos, falemos, o psicólogo que não entende e afirma que entende, mais novo que nós, crescido já sem guerra, nem África, nem cadáveres, julgando escutar-nos sem escutar o vento, nem a chuva, nem as explosões, nem as Avé Marias dos feridos, nem o cheiro dos moribundos, o psicólogo passada uma hora

- Encontramo-nos na próxima quarta feira senhores

para os velhos que quase somos agora, não para os quase meninos que éramos então (...). (ANTUNES, 2017, p. 30).

De acordo com Michael Pollak (1989, p. 6), a tendência de ocultar o passado, que pode ser vista na sociedade portuguesa no período posterior à Revolução dos Cravos, muitas vezes nasce das próprias vítimas, uma vez que “em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor (...), pois algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança

comprometedora, preferem, elas também, guardar silêncio” a fim de que se instale um clima de anistia, um ambiente em que seja capaz reiniciar a metáfora de movimento da vida.

Ainda quanto ao silêncio sobre a Guerra Colonial, após o regresso da África até mesmo os ex-combatentes, por não encontrarem um espaço público capaz de acolher suas experiências e traumas, muitas vezes optavam por voluntariamente silenciar sobre este passado, a fim de que pudessem, de alguma forma, reentrar na sociedade portuguesa, marcada ela também por uma ambiguidade de posicionamentos sobre a guerra e sobre o colonialismo, principalmente após Abril de 1974. É a partir do discurso da filha do ex-combatente, ao lembrar o comportamento esquivo do pai ao ser questionado sobre sua passagem por Angola que se pode observar seu intuito de apagar o passado.

(...) nem fotografias havia deste tempo, o meu pai queimou-as no quintal, de cócoras, a remexer as cinzas com um pauzito e a enterrá-las depois, numa delas o meu irmão ao colo dele, a encaracolarem-se ambos, ao enegrecerem, até se transformarem numa espiral que flutuou um momento e se desvaneceu sobre o muro, lá vai o passado deles, lá vai a guerra, lá vai o meu pai novo, magrinho, com um preto ainda mais magro ao colo (...). (ANTUNES, 2017, p. 230).

As fotografias, objetos de memória, provas materiais da participação na guerra, e evidências da brutal origem do filho preto, são queimadas e enterradas, como se o ex-combatente quisesse sepultar o passado marcado por violências e traumas, a fim de que pudesse encontrar algum descanso, encerrando, assim, um capítulo da sua existência. As fotografias queimadas transformam-se em restos, cinzas e ruínas do colonialismo português, destruídas e enterradas no fundo do quintal a fim de que não alcancem a memória coletiva, não se tornem públicas, para que cessem de mostrar o passado.

Como já mencionado anteriormente, em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* toda a família carrega os traumas da Guerra Colonial. Quanto à filha, pode-se observar que ela é constantemente assombrada por um passado herdado de seu pai, uma vez que ela nasceu alguns anos após o seu regresso de Angola, quando a guerra já havia chegado ao fim. A filha assume a vontade de esquecer, de, assim como seu pai fez com as fotos do tempo de África, queimar o passado e o presente, queimar a si própria. Seu desejo é de que “(...) talvez eu ainda consiga deitar fogo à minha família e à casa da aldeia despejando o garrafão de petróleo no armário da roupa, a arca, nos lençóis, nos móveis, na quantidade de lixo inútil que por aí há e já agora em mim (...). (ANTUNES, 2017, p. 226).

Em uma atitude metaficcional, onde os personagens assumem estar dentro de um romance, narrando suas memórias, a filha interpela o leitor e aconselha que ele faça o mesmo que ela, que queime o livro que está lendo, que esqueça e apague esta história repleta de traumas, silêncios e morte. Segundo suas palavras dirigidas ao leitor, “mal acabem a última linha deste livro cheguem-lhe um fósforo para que nada sobeje da gente, do que aqui ficou escrito e nos esqueçam (...).” (ANTUNES, 2017, p. 226-227).

No romance de Lobo Antunes, a narrativa assinala a embate entre a memória e o esquecimento. Pai e filho, colonizador e colonizado reencenam uma fantasmagoria da memória da guerra. Não existe saída para esta dicotomia e a morte de ambos surge como única

forma de apaziguar o passado. O ex-combatente, representante do império, por vingança, é assassinado pelo filho preto, representante de Angola, e este, em seguida, tal como em uma espécie de tragédia grega, também é morto por moradores da aldeia onde a família se reuniu no final de semana para acompanhar a matança do porco.

Publicado mais de três décadas após o final da Guerra Colonial, *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* demonstra que a problemática do final do império sobrevive ainda na memória da sociedade portuguesa. Conforme Edward Said (2011, p. 42), o imperialismo trata-se de um processo que ainda não está acabado nas sociedades contemporâneas, uma vez que “(...) o significado do passado imperial [foi] introduzido na realidade de centenas de milhões de pessoas, onde sua existência como memória coletiva e trama altamente conflituosa ainda exerce enorme força”. Ainda segundo Said (2011, p. 42-43), “o imperialismo (...) sobrevive onde sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais”.

Seguindo por esta mesma linha de pensamento, ao analisar a persistência de uma memória do imperialismo na Europa e no Portugal contemporâneos, Margarida Calafate Ribeiro (2016, p. 37) defende a noção de que “o ato colonial não termina com quem o executou, ele passa para as gerações seguintes sob as formas do ex-colonizador e do ex-colonizado que complexamente reencenam uma fantasmagoria que se identifica com o habitante mais íntimo do inconsciente europeu”.

A ficção de Lobo Antunes surge, desta forma, como um discurso de memória que busca resgatar o passado do esquecimento. As pedras, presentes no próprio título do romance, são a metáfora de um passado marcado pelos traumas e violência da guerra e do colonialismo. A literatura busca, desta forma, realizar um acerto de contas entre o presente o passado, simbolizando a memória traumática, transformando-a em linguagem, a fim de que não sejam apagados da história os últimos capítulos do império colonial português.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2017.

ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ANTUNES, António Lobo. *Memória de elefante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ANTUNES, António Lobo. *Conhecimento do inferno*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ANTUNES, António Lobo. *Fado alexandrino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CABRAL, Eunice. Tempo e espaço na obra literária de António Lobo Antunes. *Études Romanes de Brno*, n.30, p. 275-282, 2009.

CARDOSO, Norberto do Vale. *A Mão-de-Judas: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes*. Lisboa: Texto Editores, 2011.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Margarida Calafate. A Casa da Nave Europa - miragens ou projeções pós-coloniais? IN: RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. Edições Afrontamento: Portugal, 2016, p.15-42.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Percursos Africanos: a Guerra Colonial na Literatura Pós 25 de Abril. *Portuguese Literary and Cultural Studies*. V.1, 1998, p. 125-152.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes. *Gragoatá*, Niterói, n. 24, p. 101-117, 2008.

VECCHI, Roberto. *Excepção atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial*.

Porto: Afrontamento, 2010.